

## À espera da sorte

---

*Lygia de Sousa Viégas*

Madalena e sua família são moradores da favela Jardim Oratório, situada do município de Mauá, na Grande São Paulo. Esta favela, ainda em expansão, fica em uma região de grandes morros, feita de ladeiras, barrancos, becos, vielas, córregos, campados e campos de futebol. Abriga tanto casas de alvenaria quanto barracos de madeira, madeirite ou mesmo de lona ou de sacos de lixo. Há, ainda, pequeno comércio formal e informal, a Sociedade de Amigos do Bairro, escolas e a sede de projetos da Prefeitura. Como na maioria dos bairros pobres, há sempre grande circulação de pessoas: muitas crianças brincam nas ruas, homens e mulheres de passagem ou conversando.

Os esgotos, de modo geral, são abertos e passam nas portas dos barracos, deixando um forte mau cheiro e colocando em risco a saúde e segurança dos moradores, especialmente das crianças. As ruas não são asfaltadas, à exceção da “avenida” principal, uma das poucas com iluminação pública e transporte coletivo. Nos dias de chuva, a lama domina, misturando-se à água suja dos esgotos. Dependendo da força da chuva, os barrancos desmoronam, anulando anos de luta para comprar eletrodomésticos e móveis, quando não soterram vidas de famílias inteiras. Essa situação, que acomete muitas favelas brasileiras, é constante alvo da imprensa, mas não de políticas públicas para transformá-la. Talvez devido à precariedade que circunda o Jardim Oratório, Madalena e sua família não consideram a favela como parte da cidade de Mauá, percepção comum a muitos moradores de favelas.

Foi na cozinha de seu barraco que, em dezembro de 2002, Madalena, Lindaúra (sua mãe) e Marta (uma irmã) contaram sua experiência de vida, dando destaque às situações de moradia e trabalho.

Lindaúra, 56 anos, negra, nasceu e passou grande parte da vida no interior do Espírito Santo, sempre trabalhando na roça. Já casada, mudou-se com o marido para o interior do Paraná, onde tiveram cinco filhos. A família morou no Paraná por 17 anos, sobrevivendo, com muita dificuldade, do trabalho na roça. Com o “cansaço da terra” para o plantio, decidiram mudar-se para Mauá, onde moram há mais de 16 anos.

Desde que chegaram, Lindaura, o marido e os filhos moram nessa favela, inicialmente “de favor” na casa de conhecidos, depois alugando barracos e, finalmente, conseguindo comprar, em 1990, um pequeno terreno na favela, situado numa viela de terra margeada pelo esgoto a céu aberto. No terreno construíram, “sempre aos poucos”, três pequenos barracos, todos muito precários, com no máximo duas paredes de alvenaria e muito escuros: num deles, de dois cômodos, moram Lindaura, o marido e dois netos; no outro, duas irmãs de Madalena e os três filhos de uma delas; no barraco dos fundos, com uma cozinha, dois pequenos quartos e um banheiro, moram Madalena, o marido e os cinco filhos. Há, ainda, uma pequena área comum, com plantas e um tanque para lavar roupas.

Quando chegaram em Mauá, Madalena, hoje com 27 anos, tinha 11 anos, e já havia deixado de estudar, tendo cursado somente dois anos da escola fundamental. Sobre o assunto, Madalena conta que, inicialmente, precisava ajudar os pais a trabalhar na roça. Depois, quando pôde voltar a estudar, sentia “vergonha” de ir à escola, pois, por falta de dinheiro, não tinha roupas e material necessário, sendo, por esse motivo, alvo de chacotadas dos colegas.

Tão logo mudou para o Jardim Oratório, Madalena conheceu seu primeiro marido, que namorou dos 11 aos 14 anos, quando fugiram para morar juntos. Madalena ficou com ele até os 21 anos, e teve quatro filhos, o primeiro aos 15 anos. Desse casamento, guarda tristes lembranças, pois seu ex-marido bebia, usava drogas e batia nela e nos filhos, que foram por vários anos vítimas da violência doméstica.

Após a separação, Madalena veio morar com os filhos no terreno da mãe, construindo, com a ajuda de amigos e familiares, seu próprio barraco: “tudo que tem aqui fomos nós mesmos que fizemos. Tudo aos pouquinhos. Eu morei um tempão sem banheiro”. Madalena casou-se pela segunda vez há dois anos, tendo então mais um filho, ainda bebê.

Madalena trabalhou desde criança, inicialmente com os pais na roça. Com a mudança para São Paulo, passou a trabalhar fora, tendo, dentre suas experiências, o trabalho como auxiliar de cozinha em restaurantes, como camelô vendendo churrasco e bebidas e uma longa experiência “em casa de família”. Atualmente, no entanto, está desempregada, situação que assola quase toda a família. As exceções são seu marido e uma irmã, ambos com trabalhos temporários ou precários de baixa remuneração. Madalena explica o desemprego da família e de outros moradores da favela: “É difícil encontrar um serviço, porque tem gente que tem

medo da gente arrumar alguém na favela e roubar a casa deles". Já para Lindaura, também desempregada, "o governo tirou o serviço".

Não foi apenas "o serviço" que foi tirado de Lindaura. Devido à longa trajetória de trabalho penoso, ela adoeceu. Seus direitos trabalhistas (aposentadoria, tratamento das dores surgidas no trabalho), no entanto, não foram garantidos e muitos sequer reivindicados. Para além de situações nas quais se nota a ausência do poder público (potencializando a constante sensação de desamparo), são contadas outras, em que o poder público está presente, mas quase sempre de forma perversa: é a polícia que invade os barracos, assustando moradores; é o Conselho Tutelar, que apesar de ter a função de proteger os direitos da criança e do adolescente, só aparece como coerção; são as eternas promessas governamentais de construção de casas populares que nunca se realizam...

A renda mensal da casa de Madalena é de 400 reais, entre o salário do marido e os 40 reais que recebem do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), ligado à Prefeitura de Mauá: "O dinheiro vem atrasado, mas vem". O caminho para participar desse programa foi tortuoso: seu filho Raul, de dez anos, ficava muito tempo nas ruas, não raro passando vários dias sem voltar para casa. Por esse motivo, ele foi incorporado a um projeto da Prefeitura que visa zelar pelos direitos das crianças e adolescentes em "situação de rua": o Projeto Conexão. Como repercussão imprevista, Madalena relata que seu filho estreitou a convivência com outras crianças e adolescentes na mesma situação, manteve-se nas ruas e passou a trabalhar com pequenas vendas e a pedir dinheiro nos semáforos. A partir de então, ele foi integrado ao PETI. A proposta é que, ganhando o dinheiro, a criança deixe de trabalhar ou pedir, volte à escola e se dedique a atividades extraescolares oferecidas pela Prefeitura. De fato, Raul é uma das principais preocupações de Madalena, sendo tema constante na entrevista, entre seus silêncios, falas reticentes e risos tristes. Madalena associa a situação de Raul ao fato de morarem na favela. Conta que já tentou sair de lá várias vezes, para "ver se melhorava". Outra importante motivação para sair dessa favela são os constantes deslizamentos de terra provocados pelas chuvas.

Todas as tentativas de mudança, no entanto, frustraram-se em poucos meses: com o desemprego familiar, eles acabavam não conseguindo pagar o aluguel e todas as contas de uma casa, mesmo que precária. Assim, voltavam para a favela, mas sempre com a expectativa de sair dali. Madalena e Lindaura reiteram que não gostam de morar lá.

Raul, nesse sentido, realiza a vontade de todos. Madalena conta que, quando saíram da favela e foram para uma pequena casa, Raul não ia para a rua. Suas fugas parecem denunciar a precariedade da favela, declarar que apenas paredes e teto não são uma morada. Que ali não há casa para morar – ou seja, para residir, ocupar, povoar, viver, enraizar-se, permanecer<sup>1</sup>.

Justamente pela dificuldade financeira da família, Madalena vê-se impossibilitada de participar de programas públicos de habitação, tal como o financiamento de um apartamento em um pequeno prédio construído pela prefeitura para a população pobre, que exige uma renda incompatível com a de sua família. Eles estão presos num círculo vicioso. Como se não fosse suficiente, Madalena lembra que não basta a renda para entrar nesses programas: é preciso ter sorte, pois a demanda populacional sempre é superior à oferta pública. A garantia do direito à moradia, portanto, é sorteada.

Diante dessa situação, não sobra alternativa à Madalena e sua família senão ficar na favela e esperar que “um dia” a situação mude e eles possam “chegar lá”. Apesar de viver dificuldades partilhadas com os moradores de favelas brasileiras, só vislumbra alternativas individuais para enfrentá-las. Se mesmo para participar de um projeto público habitacional ela deve contar com a sorte, deposita a esperança de melhoria nas condições de vida, quando muito, em sorteios de programas sensacionalistas da televisão ou na vontade divina.

A necessidade de dinheiro “pra fazer qualquer coisa em São Paulo” contrapõe-se à falta dele em toda a família, que se desculpou inúmeras vezes por “não ter nada de comida” para acompanhar o café e o chá de folhas que me foram oferecidos. Todos sobrevivem com bastante dificuldade, contando com o apoio apenas da própria família nos momentos de maior aperto. Por sentir no dia a dia a desvalorização da moeda e a crise de desemprego, Madalena afirma que “agora está bem pior. As coisas estão muito caras”. Em seguida, no entanto, diz, em meio a um riso entre-cortado e triste, não saber “se está caro pra quem não tem dinheiro ou está caro mesmo”.

---

<sup>1</sup> *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.*

## Entrevista com uma família moradora de favela

---

*“Eu queria achar um lugar melhor para morar e tirar ele daqui”*

Madalena – Eu acho o bairro aqui muito ruim de morar, pelo seguinte: quando eu não morava aqui, que eu saí daqui, eu vivia bem com meus filhos. Depois que voltei para cá de novo... Eu tenho um problema com meu filho, Raul, de dez anos, que ele fica muito na rua, dorme na rua... Eu tenho que ficar procurando ele. É 16 dias na rua, ele fica! Agora ele parou de ficar tantos dias, mas ainda vai e dorme fora... Ou chega altas horas da noite... Eu tento controlar, mas ele não fica em casa! Então, queria achar um lugar melhor para morar e tirar ele daqui, ver se ele sai, porque são as amizades que influenciam a ir pra rua. É por isso que não gosto de morar aqui. Já tem três anos que ele vive nessa vida. Ele vivia assim, daí ficou bom uma época, e agora voltou tudo de novo! Tudo de novo! Ficar na rua de novo! E agora está de novo na rua. Não gosta de estudar...

– *Ele está matriculado na escola?*

Madalena – Está matriculado. Hoje ele foi, mas é difícil o dia que consigo levar ele pra escola, muito difícil, porque ele foge mesmo, não pára em casa! Aí, o sofrimento da gente, aqui em casa, era esse! Eu queria arrumar um lugar melhor pra morar, uma casa melhor, que eu pudesse segurar ele... Não viver aqui, porque aqui não tem segurança de nada. Ele levantou, saiu, ninguém segura! Aí, vivo nessa vida toda! É terrível, difícil, mas fazer o quê? (pausa) Aí, pra poder sair daqui, eu fui embora, pra ver se ele melhorava. Ele melhorou, não fazia mais nada; aí, quando eu voltei para cá de novo, porque eu não tinha condições de ficar pagando aluguel, ele... desandou tudo de novo! Aí, voltou para as ruas de novo...

– *E o que você acha que acontece?*

Madalena – Ah, eu acho que... ele vai encontrar com os amigos. Os amigos influenciam e ele...

Lindaura – É, quem põe ele assim são os coleguinhas daqui, que já são acostumados na rua, daí chamam... E ele começou a ir... A sair escondido, quando descobrimos, era meio tarde...

Madalena – Aí, eu já não consigo mais controlar ele...

Lindaura – Ele foge, é sabido: “Não, mãe, eu só vou aqui”. Ela confia, deixa, quando descuida um pouquinho, é ele ligando, que está lá em Mauá, em Santo André...

Madalena – A gente sofre muito com ele, por causa dessa situação... No ano passado, na véspera do Natal, já tinha 16 dias que ninguém sabia nem notícia dele! Eu estava desesperada!!! Quando eu fui achar, ele estava igual a um mendigo na rua... Todo sujo! Cheio de ferida! Ai! Eu comecei a chorar... Eu não aguentei ver a situação dele, daquele jeito...

– *Ele voltou sozinho?*

Madalena – Não. Eu tive que procurar e trazer pra casa... Daí ele ficou três dias, depois sumiu de novo. Aí, peguei... A gente vive com ele desse jeito. Aconselha, todo mundo acompanha o caso dele! Assistente social, psicólogo, as meninas do Projeto [Conexão]. Ele escuta na hora, depois sei lá, esquece tudo. É terrível, muito difícil... Eu sofri muito com esse menino...

Lindaura – Tem gente em Mauá que fica... Compra eles para fazer coisas, pegar... pedir...

Madalena – Pessoas grandes... Eu estou com um papel que ele pega lá no Shopping Popular<sup>2</sup>, para pedir nas ruas. Um papelzinho escrito pedindo esmola. Eu tenho aqui em casa. Aquele povo lá do Shopping Popular dá para ele. ... É para ele pedir dinheiro...

– *Ele está onde agora?*

Madalena – Ele está na escola, foi agorinha... Mas, saindo de lá, pode contar que é Centro de Mauá na certa. E se eu falar pra não ir, se eu bater nele, ou tentar segurar, aí ele vai e não volta. Então, não posso falar... É pior! É uma situação muito difícil a minha...

“Eu morei num cubiquinho pior do que esse”  
“Dois comodozinhos, pequenininho...”

– *Vocês tinham dito que, quando vieram do Paraná para cá, ficaram morando de favor na casa de amigos e parentes...*

Lindaura – Já no Paraná, sempre os outros que arrumavam casa para a gente morar, e a gente trabalhava para eles...

Madalena – E quando nós chegamos aqui, também fomos morar na casa dos outros...

Lindaura – Quando a gente mudou para Mauá, eu morei num cubiquinho pior do que esse, menor do que esse! Só coube o fogão e uma cama no chão...

<sup>2</sup> Geralmente, grandes galpões subdivididos em pequenos *estandes*, nos quais são montados comércios. Em tais lojas, não raro, são vendidos produtos piratas, sempre a preços baixos.

Madalena – Bem pequenininho. A metade de nós dormia na casa de uma mulher do lado, que não cabia todo mundo...

– *Quem eram eles?*

Lindaura – Eram conhecidos da gente, que também moravam no Paraná e vieram embora na frente... Quando chegamos aqui, eles tinham o terreno deles, casa e tudo, aí eles cederam um conjunto pra gente ficar até conseguir um barraco pra morar. Aí, consegui, aluguei um barraco e fiquei morando nele. Depois mudei, fui pagar aluguel. Paguei sete anos...

– *Aluguel numa casa?*

Lindaura – Uma casa de material, mas foi sempre casinha ruim... Tudo velho, já!

Madalena – Caindo aos pedaços...

– *Quanto era o aluguel do barraco?*

Lindaura – Esse barraco? Na época pagava 50 Cruzeiros... E era caro, viu? Mas, mesmo assim, ainda fiquei contente de pagar, porque a situação que a gente estava, os meninos dormindo na casa dos outros, a gente não tinha lugar... Aí, a gente queria pagar, né?

Madalena – A gente sofreu muito aqui em São Paulo, por ter que ficar na casa dos outros, não ter um canto... E uma hora tinha dinheiro para pagar o aluguel, na outra hora não tinha... E: “Vão pedir a casa”... Era complicado...

Lindaura – Não tinha recurso... No momento em que a gente chegou, era para conseguir tudo, e não conseguiu emprego, foi difícil. Aí, consegui, comecei a trabalhar em um restaurante, o que ajudou. Eu conseguia pagar o aluguel, mesmo num barraco... Era um barraco grande, quatro cômodos... Depois, a dona vendeu o barraco e eu aluguei outra casa pra viver, de material. Mas foi uma casinha velha também...

Madalena – Dois comodozinhos, pequenininho...

Lindaura – É, dois cômodos e o banheiro. Ali, eu fiquei uns sete anos pagando aluguel. Aí, como eu estava trabalhando, consegui comprar esse terreninho aqui e fazer uns barraquinhas, para a gente sair do aluguel. E estamos até hoje... Deve ter uns 11 anos.

– *E foi caro?*

Lindaura – Não! Foi bem barato! Porque naquela época era fácil comprar terreno. Na época, não era Real ainda.

– *E quando veio o Real? Mudou alguma coisa na vida de vocês?*

Lindaura – Ah, mudou um pouco, né? Melhorou bastante! Melhorou um pouquinho...

– *Por quê?*

Lindaura – A gente parou de pagar aluguel, as coisas melhoraram... E quase cada um conseguiu emprego, as meninas trabalhavam... Ái, foi melhorando um pouquinho mais, mas também não... Mas, pelo menos as coisinhas de casa a gente pôde comprar. Mas agora está tudo caro de novo! Vich! A coisa agora está toda mudada... Muito difícil...

Madalena – Já está tudo ruim de novo, tudo caro de novo. A gente não consegue comprar nem um pacote de arroz...

Lindaura – Já pensou pagar oito Reais num pacote de arroz, pra uma família grande igual a nossa? Não dá nem pra viver oito dias. ... É muito difícil mesmo... E agora todo mundo desempregado, o meu marido doente, não trabalha... Eu também não trabalho, porque tenho um problema na mão, que eu peguei devido ao serviço em restaurante! Incham as juntas, não consigo segurar as coisas com a mão, cai no chão. Hoje mesmo eu amanheci com dor nesse braço. Então, para mim, a situação é difícil, porque eu não consigo trabalhar mais... E não posso me aposentar, porque não tenho idade... Eles não veem o sofrimento da gente... Que, se eles entendessem o sofrimento da gente, eu podia aposentar, né? Porque a gente não consegue trabalhar... Vai viver de que jeito? Pedindo para os outros? Não dá! Eu já tentei aposentar, mas não consegui ainda.

Madalena – É... Então, vamos ficar nessa vida até quando Deus quiser...

– *Vocês ainda pagam por esse barraco?*

Lindaura – Não, porque já paguei tudo, Graças a Deus...

– *E foram vocês mesmos que construíram tudo?*

Madalena – Foi! Foi difícil, mas conseguimos... (riso)

Lindaura – Agora só falta um pouquinho, mas conseguimos comprar as coisas. (riso) Eu comecei aqui com um barraquinho de dois cômodos. Depois, a Madalena separou do marido, aí arrumei um pedacinho pra ela construir, conseguiu também, dois cômodos.

*“A gente tem que sofrer mais um pouco para conseguir outro jeito de levantar de novo a mente...”*

Madalena – A minha casa ainda não está terminada. Olha a situação que está! Quando chove, molha tudo! Você chega aqui num dia de chuva, você fica abismada também... (riso)

Lindaura – Quando está chovendo mesmo, você está na chuva, porque não segura, desce água mesmo... (riso) Molha tudo! Às vezes a gente pega, lava os tapetes, põe de volta, quando a gente vê a chuva, tem que tirar tudo correndo, senão... Essa época, que é chuva direto, é um desespero pra nós... Vich! Tem hora que está dormindo, tem que levantar...

Madalena – É muito ruim! (pausa) Mas um dia a gente chega lá! (pausa)

Lindaura – Eu tenho vontade de sair daqui, não por não gostar do lugar, que a gente gosta daqui! É sossegado, ninguém incomoda, vivem todos como irmãos. Mas é devido à morada, que é muito desarrumada... A gente não tem condições de arrumar...

Madalena – Eu fiquei sabendo que estavam fazendo inscrição de um predinho. Quando descobri, parece que já não estavam mais fazendo inscrição. Eu ia fazer, pra ver se era sorteada, que parece que era por sorteio. Predinho, eles iam construir, a gente pagava um pouquinho por mês e quando acabasse de construir, entrava. Aí, quando fui lá, já tinha acabado, não estavam fazendo mais inscrição. Tem um monte de gente, tem até carteirinha...

Lindaura – E aqui é perigoso construir em barranco, sabe, minha filha...

Madalena – A gente mora em área de risco. Aqui atrás tem um barranco que cai direto...

Lindaura – Esse barraco aqui já quebrou umas três vezes, porque o barranco desce e derruba tudo, quebra tudo... Aí, a gente tem que sofrer mais um pouco pra conseguir outro jeito de levantar de novo a mente... Eu tenho vontade de sair daqui desse lugar por causa disso, a gente corre muito risco aqui... Outro dia mesmo, o barraco desceu, quase levou a perna do homem, coitado! Ele sofreu para tirar a perna depois...

– *Qual foi a última vez que desabou o barranco?*

Lindaura – Faz mais ou menos uns três anos já...

– *E como foi?*

Lindaura – Uma vez caiu à noite, outra vez caiu de dia mesmo...

Madalena – Empurrou uma cama, ela foi parar lá na frente... A parede ficou tombada...

Lindaura – O povo todo saiu correndo...

Madalena – Eu estava de dieta da minha filha<sup>3</sup>, daí caiu, nós saímos correndo pra fora, debaixo de chuva... Levamos um susto! Porque é perigoso cair e levar tudo! Eu já vi casos de cair barranco e matar todo mundo soterrado dentro de casa... A gente tirou a terra, depois caiu de novo. Agora que parou mais de cair... Mas, também, não pode mexer no barranco, se mexer, cai... (pausa) Se eu achasse um outro lugar de morar, eu compraria, mas não acha!

Lindaura – Não é tanto não achar... Achar, até acha, mas vai pagar a construção... Agora, o predinho que a Prefeitura está fazendo acha para comprar, só que a pessoa não tem como dar uma entrada para poder ir pagando. Que é assim que eles vendem, pedem entrada...

Madalena – Mas quem vende não são os donos do predinho, são os moradores. Às vezes eles desistem de morar, daí vendem. Mas é muito caro, não tem como a gente pagar.

“Arrumar serviço é difícil”

– *E por que vocês saíram do Paraná e mudaram para Mauá?*

Lindaura – É porque ficou difícil tocar serviço... Lá eu trabalhava em lavoura, tocava serviço com os fazendeiros que tinham sítio grande, então, pegavam a gente pra trabalhar pra eles e davam casa pra morar. Aí, a gente ia trabalhando... Mas, como a terra começou a ficar muito cansada, e começou a não dar mais nada, tinha que comprar adubo, *carcar*, pôr esterco na terra, para poder o mantimento vir, senão não dava mais nada. E a gente não podia, era caro... Tinha que fazer financiamento no banco pra poder tocar o serviço... Foi quando a gente viu que lá não dava mais pra gente viver, aí veio embora pra São Paulo, pensando que conseguiria emprego sempre. E chegou aqui, o governo tirou o serviço, as firmas quase todas. Aí, o povo ficou desempregado, e ficou essa situação triste da gente viver. Porque, enquanto estava todo mundo trabalhando, estava vivendo bem, mas e agora?

Madalena – Arrumar um serviço é difícil...

Lindaura – Ainda mais quem não tem leitura, né?

---

<sup>3</sup> Madalena usa uma expressão popular para fazer referência ao pós-parto, quando teve de ficar em repouso. Esse período também é chamado de resguardo.

Madalena – Teve uma época que eu estava passando tanta necessidade com meus filhos dentro de casa que tive que trabalhar numas barracas que vendiam bebida, churrasco, essas coisas, lá em Mauá. Mas lá era muito difamado, porque tinha umas meninas que faziam muitas coisas que não prestavam. Eram escandalosas, parece que marcavam programa com os caras. Então, por causa delas, as outras barracas eram difamadas também. Eu fiquei trabalhando lá um tempão, e quando meu irmão virou um desempregado, foi trabalhar lá. A minha outra irmã “de menor” também foi e o Conselho [Tutelar] pegou ela<sup>4</sup>. Tudo isso por ficar sem trabalhar, não arrumar emprego... Ganhava cinco reais por dia. A gente entrava dez da manhã e saía meia noite, duas horas, tinha vezes que ia embora quatro horas da manhã.

Lindaura – Para ganhar cinco reais... Eu ficava aqui preocupada, sem dormir, pensando, com medo... Você precisava ver... Um lugar igual a esse aqui, bem perigoso...

Madalena – E aí, minha filha, a gente aguentava ouvir desaforo, você precisava ver... Porque os caras viam as outras fazendo, achavam que a gente fazia também. Aí, vinha tirar gracinha, entendeu? E como a gente estava precisando – se xingasse, ia embora, o patrão deixava na rua –, então, a gente chegou a aguentar muita coisa calada, escutar e fazer de conta que não estava ouvindo... Era desse jeito... Fiquei muito tempo trabalhando nesse lugar, até que o prefeito de Mauá tirou... Isso foi há uns dois, três anos.

– *E esse foi seu último trabalho?*

Madalena – Não, depois arrumei serviço num restaurante lá embaixo, onde eu trabalhei quase um ano. Daí, o restaurante faliu e a mulher fechou... Aí, não trabalhei mais... Foi meu último serviço, o último que eu achei... O último... Eu estou com vontade de trabalhar de novo, mas tenho que esperar meu bebê ficar um pouco maior.

*“Eu não gosto de morar aqui”*

– *As mudanças de casa que você falou aconteceram desde que vocês construíram aqui?*

Madalena – A minha mãe fica, eu mudo. (riso) Eu mudo, volto, depois mudo, volto de novo, porque eu fico nervosa com esse lugar... Aí, eu fui uma vez em Santo André, outra em São Miguel, aí voltei pra cá e desde o ano passado não fui mais morar em lugar nenhum...

<sup>4</sup> Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), “o Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente” (artigo 131).

– Você pretende mudar de novo?

Madalena – Olha, pretender mudar, mesmo, eu não pretendo, porque não tenho pra onde ir, mas se tivesse um outro lugar pra ir, eu mudaria, porque não gosto de morar aqui. Se eu pudesse pagar aluguel, eu sairia daqui...

– Você não gosta daqui por causa da história do seu filho?

Madalena – Por causa da história dele, e por causa também disso que eu falei: que chove, entra água dentro de casa... Nessa época de chuva, ninguém tem sossego...

Lindaura – E parece que o Raul não gosta mesmo de ficar aqui. A gente vê que ele entra aqui e fica agonizado... A vontade dele é sair...

Madalena – Aqui é muito pequeno, muito apertado...

Lindaura – Não tem espaço para ele arrumar uns brinquedos, para ficar sossegado. Eu acho que é mais por isso que eu não gosto...

– E todos os seus filhos estão na escola...

Madalena – Todos estão estudando. Os meus, Graças a Deus... O único que não está estudando é o de três anos, porque não tem. Acho que no ano que vem começa a ter escola para ele.

– E é fácil conseguir vaga em escola, aqui?

Madalena – Não! É difícil... Fazer a inscrição e esperar vaga... A minha filha com seis anos entrou direto na 1ª série, porque não consegui vaga no pré. Ela estudou a metade da 1ª série com seis anos, ia fazer sete anos no meio do ano... Mas ela vai indo bem na escola, não dá trabalho.

– E como são os vizinhos? Vocês têm amizade?

Madalena – Eu tenho amizade com todo mundo daqui, porque não frequento a casa de ninguém, é difícil eu ir na casa de algum vizinho. Então, a gente tem amizade com todo mundo aqui onde a gente mora. Dessa viela, todo mundo. Ninguém mexe com ninguém...

– E vocês acham perigoso aqui? De roubo, violência...

Madalena – Roubo, mesmo, não! Aqui a gente pode ficar despreocupada, que ninguém rouba a casa de ninguém... Só se vier alguém de fora, mas não entra, que o povo daqui não deixa... Então, não tem roubo por causa disso. Eu já dormi com a porta aberta várias vezes...

Marta – A única coisa que a gente tem medo aqui, sabe o que é? Eu tenho medo, às vezes, de bala perdida. Só isso...

– *Mas bala perdida por quê? Tem muito tiroteio aqui?*

Madalena – Às vezes acontece, né? Quando vêm pessoas de fora, querem invadir aqui... E eu tenho medo, também, de vir outras pessoas e a polícia começar a correr atrás e invadir a casa da gente e entrar... Só isso que eu tenho medo. Mas quando eu estava sozinha, eu saía, chegava em casa quatro, cinco horas da manhã, até agora nunca aconteceu nada! Graças a Deus...

– *Tem violência da polícia?*

Madalena – Eu nunca vi! Graças a Deus...

– *Tem uns lugares que acontece... A polícia entra na casa para revistar...*

Madalena – Uma vez eles entraram aqui, eu e ela estávamos na casa, meteram no isopor para ver se tinha alguma coisa escondida...

Marta – É que mataram um policial, então eles estavam entrando nas casas para ver se não tinha bandido escondido... Mas é só quando acontecem essas coisas, né?

– *Como foi para seu filho chegar nesses projetos da Prefeitura?*

Madalena – Ele começou assim... Primeiro foi para o Projeto Conexão. Depois que ele foi pra esse projeto, ele começou a conhecer os meninos que ficavam na rua, daí começou a se misturar com os meninos e começou a ficar na rua também, pedindo no farol. Quando foi um dia, o pessoal do Projeto Conexão veio aqui pra me trazer uns papéis pra ele participar do PETI e ver se ele recebia o dinheiro e saía das ruas... Mas não adianta, ele não sai... Já cortaram o dinheiro uma vez, depois voltaram de novo, mas não sai, continua indo pra rua, do mesmo jeito.

– *E na época que vocês estavam morando em outro lugar, isso não acontecia...*

Madalena – Não! Ele nem ia para rua, na beira de casa, ele não ia... Ficava o dia inteirinho em casa, brincando. Fazia as coisas dentro de casa... Aí, voltei para cá, começou tudo de novo!

– *E era em uma casinha que vocês estavam morando?*

Madalena – Era uma casa. Morava de aluguel. A gente pagava 150 de aluguel.

– *E como era essa casa?*

Madalena – Ah, era uma casa de dois cômodos, simples, bem simplizinha mesmo... Mas melhor do que isso aqui... Lá é um bairro bom, gostoso, a gente conhecia todo mundo, diferente daqui, né? A gente ficava sossegado, não se preocupava com os filhos indo pra escola, voltando, a gente não tinha medo... Aqui, a gente se preocupa com muita coisa... À noite... Às vezes aparecem muitas pessoas diferentes, estranhas, aqui... E você sabe que quem mora em favela é perigoso, né? A gente gosta mais de lá. Também, é tudo asfaltado, não tem essa lama toda que nem aqui, eu odeio essa lama! (riso) Na verdade, não gosto de morar aqui!

– *Você ficou quanto tempo pagando esse aluguel lá?*

Madalena – Seis meses. Porque tem aluguel, mas tem água, luz, aí dá mais que 150 reais... Aí, não estava conseguindo mais, a gente ia viver de vento... Voltamos para cá de novo...

– *E quando você veio morar aqui pela primeira vez, logo que comprou o terreno...*

Madalena – Ah, eu odiava! (riso) Vich... Eu tinha tanta raiva, não gostava daqui. Minha vontade era só sair daqui, só sair daqui... Eu moro aqui mesmo porque não tem jeito, não tinha outro lugar para morar, senão eu morava, eu tenho muita vontade de sair daqui... Agora, pelo menos eles [a Prefeitura] falaram que iam arrumar uns predinhos para as pessoas morarem... Eles só falam... Só prometem, prometem, prometem... Eu tenho vontade de sair daqui porque aqui é da minha mãe, o terreno é da minha mãe, a única coisa que tem de meu aqui são esses blocos... (riso)

– *Você acha que você sofre preconceito por morar na favela?*

Madalena – Ah, eu acho que sim... Porque tem muitas pessoas que discriminam, né? “Ah, mora em favela, não sei o quê...” Então, eu acho que muitas pessoas têm preconceito, a gente fala onde mora, já fica com medo de atender a gente... Discriminação, porque mora em favela...

– *Para fazer um crediário...*

Madalena – Não! Sobre isso a gente nunca teve discriminação... É mais pra emprego! Você vai trabalhar num lugar, fala que mora numa favela, aí eles já ficam meio assim, né? A gente perde muito emprego por isso... Tem muitas casas de família que não aceitam... (...) Aqui, no momento, está todo mundo desempregado... A minha irmã, que tem três filhos, está desempregada. A outra irmã, que é mãe de dois meninos, arrumou trabalho em casa de família, só pra esse mês. Ela ganhou 200 reais uma mixaria! Ela entra às 6h30 e chega aqui 22h. E é bem pertinho... Ela trabalha mais

de 12 horas... Todo dia! Entendeu? Isso aí eu acho humilhação, 200 reais para trabalhar desse jeito... É porque precisa, né? Agora, tirando ela e o meu marido, que começou há pouco mais de um mês, o resto está todo mundo desempregado, todo mundo desempregado... Já faz um tempinho que nós estamos desempregados. E não adianta procurar...

– *E daí todo mundo se ajuda?*

Madalena – Aqui é assim, um ajuda o outro! Quando minha mãe tem, ela dá, quando eu tenho, eu dou, quando a minha irmã tem, ela dá, quando nós temos, nós damos para ela... Eu arrumei um serviço pra começar em janeiro, mas também é trabalhar três dias para ganhar 60 reais por mês, só que eu tenho que tirar 15 reais da passagem. Aí, só fica 45 reais para mim, né? Pra trabalhar de ajudante de cozinha na pizzaria, só sexta, sábado e domingo, das seis da tarde até uma da manhã... Se der certo, até janeiro o neném já está mais grandinho...

– *E quando seu marido não estava trabalhando...*

Madalena – A gente ficava segurando de bico, arranjava um bico e fazia. Mas, nós sofremos, viu? Quando a gente fica grávida, minha filha, gasta muito. É enxoval, remédio! Tudo caro.

– *Deve ter sido difícil...*

Madalena – Foi difícil... E o Vitor [bebê] foi achar de vir justo agora... (riso)

*“Minha história é muito difícil”*

Madalena – Eu já sofri muito! Tem gente que fala para mim: “Nossa, você tem 27 anos e já sofreu tudo isso?” Eu falo: “Vocês não viram nada!” Quando me separei do meu ex-marido, nem podia ver homem na minha frente que já ficava nervosa, preocupada... O que ele fazia comigo mexeu tanto com a minha cabeça que eu peguei trauma, fiquei um tempão sofrendo. Porque ele judiava muito de mim, pegava arma para me matar, punhal para me furar, batia nos meus filhos... Hoje eu vivo no paraíso, até, perto do que eu já vivi! Ele me dava de tudo, mas em compensação o principal era pior! Eu sofri muito... Apanhava quando estava grávida... E ele na rua...

– *Vocês moravam aqui?*

Madalena – Não! Nessa época eu morei em Santo André. Foi antes de vir para cá...

– *Então, você nem estava perto da família...*

Madalena – E ele não deixava eu contar, me ameaçava direto! Até o dia em que não aguentei mais e aí, a própria irmã dele contou pra minha mãe: “Se você não tirar sua filha de lá, ele mata ela”... E tudo isso era o quê? Drogas, bebida, era a outra face dele. Aí, minha mãe me tirou de lá...

– *E era todo dia isso?*

Madalena – Todo dia isso! Todo dia! Todo dia! Todo dia! Sem ter uma explicação...

– *Ele trabalhava?*

Madalena – Não! Ficava o dia inteiro na rua... (riso) Chegava em casa tarde...

– *E aí, quando você veio pra cá, teve que reconstruir tudo...*

Madalena – Eu tive que começar de novo, porque quando eu vim pra cá, não trouxe nada! Vim só com a roupa do corpo, ele não deu nada pra mim! Tudo que eu tinha ficou pra lá... Pela lei, eu ganharia, porque quando fui morar com ele, ele era de maior e eu era de menor, aí a juíza falou que ele me seduziu. Mas não quis, porque ele não ia me deixar em paz, então dei-xei tudo para ele. Casa, carro, tudo nosso, ficou tudo com ele, eu vim para cá sem nada, só com a roupa do corpo mesmo! Eu e meus filhos...

– *Então, vocês viviam melhor financeiramente...*

Madalena – É, vivia melhor. Mas em outros termos, foi pior! Então, eu preferia não ter nada, mas ser feliz, não ser humilhada todo dia! Quando ele entrava em casa, meus filhos todos choravam de medo! Eles estavam ficando traumatizados, não podiam ver o pai... De tanto que ele batia...

– *Ele deixou você ir embora numa boa?*

Madalena – Não! Minha mãe e a irmã dele foram me buscar. Pra me tirar de lá, precisou viatura da polícia... Quando eu falava que ia embora, ele trancava a porta, falava: “Eu ponho fogo no barraco com você dentro”. Era aquela coisa: ele brigava comigo, me batia, mas queria que eu estivesse sempre ali, não deixava eu sair... Não aceitava que eu ficasse de cara feia com ele! Era horrível viver com ele! Quando minha mãe ficou sabendo, chamou a polícia. Aí fui com minha mãe, era pra pegar pelo menos a roupa, mas fiquei com tanto medo que não peguei... Do jeito que eu estava, saí! Aí, com 15 dias que estava na casa da minha mãe, arrumei um serviço em casa de família. Aí, comecei a comprar roupa pra mim, para os meni-

nos. Um monte de gente também ajudou bastante... Arrumei umas madeiras e morei bastante tempo aqui no barraquinho de madeira. Depois comecei a comprar as minhas coisas, sempre aos pouquinhas...

– *Ele morava aqui no Oratório, também?*

Madalena – Quando eu conheci, ele morava. Aí, ele foi para Santo André. Naquela época, ele era trabalhador, trabalhava numa firma no centro desse os 12 anos, já era de maior e estava lá ainda! Não sei o que aconteceu... De repente, virou a cabeça de um jeito... Vai ver que ele já era assim, só que se escondia no início... Porque não dá para acreditar que muda de uma hora para outra assim... Não é fácil não... A minha sorte é que o meu marido atual é muito legal, um amor de pessoa... Ele faz de tudo para a gente, não falta nada em casa. É... Minha história é muito difícil...

– *Você falou que vocês já moraram em um outro lugar aqui no Oratório. Como era?*

Madalena – Nessa época era muito perigoso. Era muita morte, assassinatos, assalto, gente entrando nos barracos. A gente foi embora porque minha mãe tinha medo... Aí, ficou mais calmo, a gente voltou pra cá de novo, aí ficou melhor de voltar... E também a gente não estava conseguindo pagar o aluguel. Minha mãe ficou desempregada, minha irmã também, meu pai ficou doente...

– *E hoje, todos os seus filhos estudam na mesma escola?*

Madalena – Todos eles. É bem pertinho daqui... Agora a minha menina de 12 anos vai sair transferida para a escola de baixo, porque ela passou para a 5<sup>a</sup> série e aqui em cima não tem<sup>5</sup>. Ela estava atrasada na escola, por causa de ficar mudando de lugar, ficou mais de ano sem estudar... Mas quando está estudando mesmo, não repete o ano, nunca repetiu... Que nem esse ano, ela estudou o ano inteiro e não repetiu. O ano passado também. O problema é que tinha que ficar nesse negócio de mudar... Já a outra, de sete anos, está adiantada.

– *E o Raul?*

Madalena – O Raul está atrasado, porque não estuda... E a letra dele é pior do que a da minha menina de seis anos. A letra dele é horrível, ele não sabe fazer nada, nem ler nem escrever, não sabe nada! Está na 2<sup>a</sup> série, porque repete todo ano... Ele não vai pra escola; quando eu consigo levar,

<sup>5</sup> Isso porque, a partir da política de Reorganização das Escolas da rede estadual, implementada em 1996, os alunos das quatro primeiras séries do ensino fundamental passaram a estudar em escolas diferentes dos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> e ensino médio (Cf. CEE - SP, 1995).

ele não faz lição, ou faz pouca coisa... Em duas semanas, o máximo que ele estuda é dois ou três dias. Ele não quer nada com a escola. Com certeza, ele vai repetir de novo... Não tem como ele passar para a 3<sup>a</sup> série daquele jeito... (riso) Ele escreve como se fosse na 1<sup>a</sup> série.

– *Então, Madalena, as coisas que eu tinha pensado para conversar com você eram essas...*

Madalena – Você deve ter escutado histórias piores que a minha... (riso)

– *Tem histórias diferentes... Mas, pelo que você contou, você tem uma vida bem difícil...*

Madalena - É... Bem difícil mesmo... A minha menina que fala para mim assim, quase todo dia ela fala: “Olha, mãe, um dia a senhora me espera no Gugu, Domingo Legal, Dia de Princesa... Pra ver se a gente ganha uma casa e sai daqui”... (riso) Ela não gosta de morar aqui... Mas eu falei: “Você pensa que é fácil passar no Gugu? Não é fácil... Se a gente conseguisse... Escrever, a gente escreve, mas não é fácil chegar lá, ser sorteada. É difícil”...

Entrevistadora: Lygia de Sousa Viégas